

Dossiê: Imagem em Movimento

André Antônio Barbosa¹
Universidade Federal de Pernambuco

Hermano Callou²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A imagem em movimento conquistou uma notável centralidade no mundo da arte nas duas últimas décadas que tem sido acompanhada de uma grande produção crítica, teórica e historiográfica a respeito de sua presença na história da arte. Dito isso, este dossiê pretende oferecer um pequeno vislumbre das pesquisas atuais sobre imagem em movimento.

Uma palavra precisa ser dita, contudo, sobre a expressão “imagem em movimento”. Os termos “imagem-movimento” e “artistas da imagem-movimento” exprimem uma noção relativamente nova no discurso crítico, resultado de uma nova configuração do campo artístico, mesmo que imagens em movimento tenham sido exibidas em instituições de arte desde o começo do século XX. O termo “imagem em movimento” cristaliza, no discurso crítico, uma certa consciência histórica de que as categorias que regularam a entrada da imagem em movimento no circuito da arte perderam parte do seu poder de orientação, de maneira que o termo tem se apresentado como uma formulação capaz de conservar a diversidade das práticas contemporâneas com a imagem animada.

A introdução da imagem em movimento no domínio da arte foi narrada do ponto de vista de historiografias fragmentárias — a do “cinema de vanguarda”, a dos “filmes de artista”, a do “cinema expandido”, a do “vídeo”, do “cinema de exposição” etc. — que configuraram tradições e campos problemáticos particulares. A distinção entre as diferentes tradições perderam, contudo, parte dos seus pressupostos sociais, enquanto que as diferenças formais, materiais e institucionais em que se baseavam se transformaram nas últimas décadas. A expressão “imagem em movimento” é uma maneira de trazer à memória essas diferentes histórias sem se fechar em suas experiências e horizontes particulares.

As principais transformações residiram, por um lado, na maior receptividade das instituições de arte a formas remediadas da experiência cinematográfica, em especial a centralidade conquistada pela imagem projetada em sala escura, que permitiu que artistas do cinema encontrassem, no campo da arte, um local privilegiado de exposição dos seus trabalhos. Por outro lado, essas transformações ocorreram na digitalização das práticas de produção e exibição da imagem em movimento, que enfraqueceu a fronteira outrora importante entre diferentes mídias da imagem em movimento e suas formas tradicionais de exposição.

Os “artistas da imagem em movimento” realizam imagens que podem ser projetadas na parede, instaladas no ambiente ou exibidas em plataformas, feitas em filme, vídeo e digital. Eles

¹ Professor adjunto no Departamento de Artes da UFPE. Graduado e Mestre em Comunicação pela UFPE e doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas. Foi professor substituto do bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFPE entre 2017 e 2019. Foi também professor na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), lecionando no Curso Superior de Tecnologia em Fotografia com ênfase na relação entre Fotografia e Artes Visuais. É diretor e roteirista de cinema junto à Ponte Produtoras e ao coletivo Surto & Deslumbramento. Atua também como diretor de arte e montador de cinema e vídeo. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8084-4837>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5082481076087246>. E-mail: andre.abarbosa@ufpe.br.

² É crítico, programador e pesquisador de cinema. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, atualmente realiza estágio pós-doutoral na mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3085-4838>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2661025718263010>. E-mail: hermano.callou@gmail.com.

podem reivindicar diferentes histórias de sua arte. O termo permite que falemos das práticas artísticas com imagem em movimento sem traçar um território de sentido prematuramente, encontrando, no interior de cada tomada de posição artística, as histórias particulares que elas solicitam. A maior parte dos artigos presentes neste dossiê, contudo, trazem à tona as histórias particulares que seus objetos reivindicaram, demonstrando que elas continuam centrais para compreender os artistas que a elas se vincularam.

O dossiê se inicia com a tradução de um artigo recente publicado originalmente na *New Left Review* de uma das mais influentes artistas contemporâneas da imagem em movimento: Hito Steyerl. O artigo continua sua pesquisa artística sobre as formas de existência das imagens em um mundo baseado em formas de dominação militar e econômica, intervindo no debate sobre a natureza das imagens geradas por modelos de Inteligência Artificial (IA) que substituíram a indexicalidade fotográfica por uma forma de representação probabilística, resultado de uma forma de extração do trabalho humano em uma escala nunca antes vista. A intervenção de Hito Steyerl nos convida a pensar no que Harun Farocki chama de “imagens do mundo”, no momento preciso de sua mutação. Com seu ensaísmo afiado, Steyerl não apenas trabalha artisticamente com a imagem em movimento, mas também põe em movimento o pensamento sobre a imagem contemporânea gerada por dispositivos autônomos.

Os artigos seguintes acompanham de perto e com cuidado a obra de figuras luminares das diferentes tradições da imagem em movimento. *Formas sistêmicas na obra de Hollis Frampton*, por exemplo, discute um dos artistas centrais da tradição do cinema de vanguarda; *Figura: o sagrado e o profano em Jean-Claude Brisseau*, por sua vez, é um estudo, do ponto de vista da história da arte, de um dos cineastas mais relevantes do cinema narrativo contemporâneo; e *Escrever, filmar, corresponder: as cartas de Chantal Akerman, o filme-diário e outros endereçamentos* investiga proposições filmicas de cineastas que souberam circular entre o cinema e as Artes Visuais.

A tradição do vídeo é contemplada com o cuidadoso estudo intitulado *A poética do olhar na videoarte de Bill Viola*; já *O espectador entre espelhos: as instalações de imagem em movimento de Douglas Gordon* discute uma das figuras centrais na história das videoinstalações, figura de proa da tendência de remediação do cinema nos espaços de arte. *Vislumbrando para fora: notas sobre o filme novo historicista*, por sua vez, é uma tradução de um artigo originalmente publicado na *Millenium Film Journal*, em 2015, que introduz uma das tendências mais vigorosas do cinema de vanguarda dos últimos anos; e *Videoinstalação e experiências estéticas afro-atlânticas na obra de Tiago Sant’ana e Julien Creuzet* investiga proposições videoinstalativas contemporâneas no contexto da experiência afrodiaspórica. Além desses textos, tem-se a resenha intitulada *Debaixo d’água flutuamos entre musgos: mostra de audiovisual experimental no Pará*, a qual apresenta a experiência de uma mostra no Museu da Imagem e do Som na cidade de Belém-PA, documentando a ampliação das práticas de exibição de cinema experimental que tem estado em curso no país nos últimos anos.

A partir desta coletânea de textos, convidamos os leitores a visitar cada um desses escritos enquanto esforços de mapeamento e reflexão crítica sobre a imagem em movimento, uma vez que, no conjunto diverso que formam, eles sinalizam, ao mesmo tempo, a solidez e a abertura do campo.